

Do Ego para o Eco-sistema: vínculos e afetos na contemporaneidade

Del Ego para el Eco-system: vínculos y afectos en lo mundo contemporáneo

Shifting from Ego for Eco-system: bonds and affections on contemporary world

José Eugenio de Oliveira Menezes¹

Monica Martinez²

Resumo

Comunicar transcende o mero ato de transmitir informações, visto que se trata de criar ambientes de vínculos e afetos. No contexto contemporâneo de consumo e do hiperindividualismo, as histórias de vida parecem representar, em Comunicação, um caminho que permite a tentativa de compreensão do *status* atual da representação da condição humana. Este registro é mediado por investigações comunicacionais atuais, como as narrativas da contemporaneidade e a ecologia da comunicação.

Palavras-chave: Narrativas contemporâneas. História de vida. Vínculos. Ecologia da Comunicação. Cultura do Ouvir.

1 Prof. Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes é docente do PPGCOM da Faculdade Casper Líbero, de São Paulo.
E-mail: jeomenezes@casperlifero.edu.br.

2 Profa. Dra. Monica Martinez é docente do Programa de Mestrado em Comunicação e Cultura da Uniso, de São Paulo.
E-mail: monica.martinez@prof.uniso.br.

Resumen

Comunicar trasciende el mero acto de transmisión de información, ya que se trata de crear vínculos y afectos. En el contexto actual de consumo y del hiperindividualismo, historias de vida parecen representar, en la Comunicación, un camino que permite el intento de comprender el estado actual de la representación de la condición humana. Esta entrada está mediada por la investigación de la comunicación actual, como las narrativas contemporáneas y la ecología de la comunicación.

Palabras-clave: Narrativas Contemporáneas. Historia de vida. Vínculos. Ecología Comunicación; Cultura de la escucha.

Abstract

Communication transcends the mere act of transmitting information, as it comes to creating bond and affection environments. In the contemporary context of consumption and hyperindividualism, life stories seem to represent, in Communication, a way that allows the attempt to understand the current status of human condition representation. This registry is mediated by current communication research, as shown in the contemporary narratives and the communication ecology.

Keywords: Contemporary Narratives. Life history. Links. Communication Ecology. Culture of Listening.

I can't get no satisfaction
I can't get no satisfaction
'Cause I try, and I try, and I try, and I try
 (I can get no) Satisfaction, **Rolling Stones**

A Comunicação e a afetividade são esferas do estar no mundo. E o mundo contemporâneo, permeado pela diversidade cultural, é atravessado pelos discursos midiáticos que reforçam, às vezes tautologicamente, o desejo do bem-estar pessoal. Os atuais movimentos sociais em todo o planeta, da Primavera Árabe aos protestos brasileiros de 2013 e 2014, sugerem que há uma insatisfação no ar. No caso brasileiro, as palavras associadas à este desconforto são conhecidas há muito, visto que rodeiam o fato de que o país ainda enfrenta limites nos serviços públicos oferecidos, como educação, saúde e transportes – entre outros. Em que se pese, igualmente, raízes culturais profundas, que tornam nosso sistema bastante diverso do anglo-saxão, como a sociedade baseada nas relações entre indivíduos e não nas instituições (HOLANDA, 2006). Como observa o historiador brasileiro, "É que nenhum destes vizinhos soube desenvolver a tal extremo essa cultura da personalidade, que parece constituir o traço mais decisivo na evolução da gente hispânica, desde tempos imemoriais." (HOLANDA, 2006, p. 21).

Neste 2014, o desconforto está no ar, ainda que o país acolha, em alguma medida, os 30 milhões de brasileiros que nos oito de governo do ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva (2003-2011) ascenderam à classe C – chamada de nova classe média (NERI, 2011).³ Contudo, a análise destas questões a partir do viés sócio-histórico, ou político-econômico, ainda que fundamentais, evidentemente não mais dá conta de compreender os fenômenos locais nem globais. Análise que pede, sem dúvida, uma abordagem do pensamento complexo (MORIN, LE MOIGNE, 2000).

3 Note-se que não há um consenso sobre o termo, que é defendido pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, do Rio de Janeiro. Nos censos feitos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por exemplo, não há divisão da população em classes econômicas.

Como em vários momentos de ruptura planetária, aparentemente os sistemas vigentes, sejam quais forem, não mais estão oferecendo uma resposta satisfatória. O mundo que emergiu da Guerra Fria dos anos 1960 não é mais polarizado entre liberalismo e socialismo, em suas variadas formas. Contudo, a julgar pelas manchetes, aparentemente nenhuma destas formas atuais é a que comporta respostas definitivas para os problemas do mundo. Uma parte significativa do planeta aderiu, de uma forma ou outra, ao modelo capitalista, mas esta concepção de *consumo-logo-existo* também parece não ser suficiente para aumentar o bem-estar em nível individual, comunitário, nacional ou planetário. Neste raciocínio se insere qualquer dos quadros teóricos atualmente em curso, da sociedade da vigilância líquida (BAUMAN, 2013) à da convergência do individualismo, da tecnologia, do capitalismo e, por extensão, do consumo (LIPOVETSKY, 2011), uma vez que são eles a visão de um autor a partir de uma dada perspectiva, não raro eurocêntrica.

Dentre o escopo de visões alternativas possíveis para o bem-estar, há várias propostas que tentam reconectar o indivíduo à natureza e à sociedade, resgatando valores internos e, também, externos. Em comum, provavelmente todas elas contemplam propostas que levam em conta o ser humano, seus vínculos e afetos. Conexão que, aparentemente, foi se abstraindo (FLUSSER, 2008) conforme as sociedades foram se complexificando – leia-se a passagem pelas revoluções industriais e científicas, entre outras – até atingir o estágio atual, que prima pelo modelo materialista, reducionista, racionalista e mecanicista, entre outros, que parece dar mostras de agonizar. Onde paradoxalmente mesmo modelos de pensamento dados como condição *sine qua non* são questionados. É o caso da globalização, que para alguns autores não é tão significativa assim quanto o imaginário contemporâneo sugere (GHEMAWAT, 2012).

Neste sentido, e ainda que não hegemônicas, surgem propostas diferenciadas, que contemplam a inserção do ser humano e não apenas o aspecto econômico. Uma delas sugere um indicador diferenciado, o GNH, de *Gross National Happiness* (ou *Felicidade Interna Bruta*, FIB, em português), que mediria o desenvolvimento de um país não apenas pelo crescimento econômico, mas também pelo compromisso da nação de construir uma economia que promova bem-estar aos seus cidadãos, adaptada a valores como a cultura do país. O GNH estaria, ainda que de forma subjetiva,

focado na avaliação da qualidade de vida ou bem-estar social. Um contraponto, portanto, a indicadores como o GDP (*Gross Domestic Product*, em português Produto Interno Bruto).

Do ponto de vista histórico, esta proposta surgiu em 1972, quando o quarto rei do Butão, Jigme Singye Wangchuk, assumiu o trono com a idade de 17 anos. Educado tanto no seu país, cuja religião principal é o budismo, quanto no Reino Unido, o soberano percebeu que o sistema capitalista gerava bem-estar para uma parcela da população, mas também uma parcela empobrecida, além de grande impacto ambiental. Neste contexto, idealizou um modelo que tentasse equilibrar o desenvolvimento econômico com o bem-estar emocional, espiritual e ambiental de seu povo. Com pouco mais de 700 mil habitantes, o Reino do Butão é do tamanho da Suíça e está localizado no sul da Ásia, no limite dos Himalaias (BROOKS, 2008; GRANGER, 2011)⁴.

Este modelo pressupõe que uma nação próspera contará com recursos para prover não somente serviços fundamentais a seus cidadãos, como saúde, moradia e educação, mas também estabilidade e perspectivas de um futuro melhor. Perspectiva paradoxal, enquanto o Ocidente se debate com uma visão fragmentada de futuro, como a expressa pelo pesquisador de estudos culturais estadunidense Laurence Grossberg, da Universidade de Carolina do Norte, que ressalta o fato de que hoje há uma alteração na percepção da noção de juventude sobre o senso de futuro – uma vez que ambos faziam parte de um projeto maior, o da modernidade. Na visão do pesquisador, a ausência da relação com um futuro previsível estaria fazendo com que as crianças e os jovens não se sentissem mais responsáveis pelo futuro (GROSSBERG, 2005) – o que seria uma inversão dos valores tradicionais. Com enfoque qualitativo, a mensuração do FIB leva em consideração nove itens como o uso equilibrado do tempo e os cuidados com a família e comunidade, entre outros.

4 Em 2006, o monarca do Butão abdicou em prol de seu filho, Jigme Khesar Namgyal Wangchuk, que dois anos depois fez a transição do sistema de uma monarquia absolutista para parlamentarista. Hoje, no país, quem leva à frente estes estudos é o Centro para os Estudos do Butão, fundado pelo Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (PNUD) para formular as análises estatísticas do FIB. O órgão é presidido por Dasho Karma Ura, mestre em Política, Filosofia e Economia pela Universidade de Oxford, Inglaterra (URA, 2014). O grande destaque desta abordagem é que ela não parte dos eixos conhecidos de poder planetários, como os Estados Unidos e Europa, mas de um país pobre. Evidentemente há críticas a este modelo, como o fato de ter nascido como uma proposta de uma monarquia absolutista, por exemplo.

Outra proposta alternativa humanizada é a do economista britânico E. F. Schumacher (1911-1977), que data mais ou menos do mesmo período (SCHUMACHER, 1983). O autor de *O Negócio é ser pequeno* (do original *Small is beautiful*) também enfatizava a reinserção das várias facetas do humano no pensamento econômico. Uma série de organizações inspiradas em seu trabalho continuam ativas, algumas delas no segmento educativo, como o Colégio Schumacher em Totnes, Devon (U.K.) e, no segmento comunicativo, a revista *Resurgence & Ecologist Magazine*.

Neste ambiente desorientado, no qual a Comunicação evidentemente se insere, em que não há mais a ilusão de certezas nem de respostas multifuncionais, como o de que a economia explicaria e o crescimento econômico resolveria tudo, há um padrão que se mantém estável desde o início da saga humana como uma forma de se expressar e registrar vínculos e afetos: as narrativas, contadas por meio de métodos como a história de vida, em seus gêneros comunicacionais mais conhecidos, como perfis, memórias e biografias, entre outros. Com o passar do tempo, muda-se a roupagem que esta narrativa é expressa, mas seu cerne central mantém-se estável, visto que seu referencial é a espécie humana.

Banquete de afetos: uma ceia de histórias

Em Comunicação parece ser nas narrativas biográficas (LIMA, 2009) onde se pode expressar em mais alto nível a questão da afetividade nas relações humanas. Em que o Tu não é entendido como mera fonte de informação – quando é transformado em um Isso –, como defende o filósofo judeu de origem austríaca Martin Buber (1878-1965). Como ele diz: "O homem se torna EU na relação com o TU. O face-a-face aparece e se desvanece, os eventos de relação se condensam e se dissimulam e é nesta alternância que a consciência do parceiro, que permanece o mesmo, que a consciência do EU se esclarece e aumenta cada vez mais." (BUBER, 2001, p. 32).

Neste sentido, um TU sozinho pode até ser transformado em uma narrativa biográfica ou, como se diz em jornalismo, um perfil, sobretudo se for se utilizar o relato em primeira pessoa, mais memorialístico. Contudo, é na colheita plural de vozes que podem ser identificados com mais clareza os nexos e sentidos daquela vida em particular (MARTINEZ, 2008). Ou de uma sequência de vidas, como é o pressuposto de métodos como a história de vida familiar,

que une a diversidade antropológica à dinâmica histórica e às técnicas de observação sociológicas para compreender a rede de relações formada por laços de afetos, codependência e solidariedade moral de três gerações de uma família (BERTEAUX; THOMPSON, 2009; GONZÁLEZ, 1995). Por meio deste levantamento emergem os padrões de “regras, valores, hábitos, condutas, estratégias, fracassos, conflitos e transmissões através do tempo e de uma geração à outra (GONZÁLEZ, 1995: 65).

Este padrão de vínculos e afetos também pode ser identificado, de uma forma ampliada, por meio da proposta de mosaico feita pelo sociólogo estadunidense Howard S. Becker, pertencente à corrente humanista da Escola de Chicago. Neste contexto, a premissa da área de Ciências Sociais entende, de uma forma sistêmica, que: “Cada peça acrescentada num mosaico contribui um pouco para nossa compreensão do quadro como um todo” (BECKER, 1999: 104). A relação entre as partes é o alvo prioritário: “Quando muitas peças já foram colocadas, podemos ver, mais ou menos claramente, os objetos e as pessoas que estão no quadro, e sua relação uns com os outros” (idem). Para Becker, o importante é a compreensão da unidade na diversidade: “Diferentes fragmentos contribuem diferentemente para nossa compreensão: alguns são úteis por sua cor, outros porque realçam os contornos de um objeto” (ibidem).

Acima de tudo, as histórias de vida permitem identificar e registrar dois elementos-chave na questão da afetividade. O primeiro é o pertencimento. Como diz o etólogo francês Boris Cyrulnik, não pertencer a ninguém é não se tornar ninguém. “Logo, é preciso pertencer.” (CYRULNIK, 2007, p. 79). Cyrulnik fala do pertencimento individual, mas também de um pertencimento mais amplo, o cultural. “Mas pertencer a uma cultura é tornar-se uma só pessoa”. (idem). Quando não há este vínculo, a pessoa “acha-se fora da sociedade, privada das estruturas que deveriam ter sustentado seu sentimento de familiaridade e desejo de filiação.” (ibidem). O etólogo também aborda o mencionado segundo elemento-chave na questão da afetividade, que está diretamente relacionado às histórias de vida: a resiliência (CYRULNIK 2004, 2005, 2006). Este conceito, oriundo da física, se refere à capacidade psicológica manifestada por seres humanos, em situações de estresse – inclusive em casos extremos –, de acumular energia para, por meio dela, superar os desafios e traumas do cotidiano, sem que haja cisão, isto é, ruptura psíquica.

Este conceito estaria relacionado, igualmente, ao de empatia como exposto pelo psicólogo holandês Frans de

Waal, uma vez que "todo ciclo da vida humana inclui estágios nos quais dependemos dos outros (na infância, na velhice ou quando ficamos doentes) e nos quais os outros dependem de nós (quando cuidamos das crianças, dos velhos e dos doentes). Precisamos uns dos outros para sobreviver" (WAAL, 2010, p. 39). Como seres gregários, nossa vida começa e termina com a necessidade de afetos e cuidados. Neste sentido, apesar da visão darwinista ainda hegemônica, estudos como o de Waal sugerem que continua presente esta contraparte menos difundida da natureza humana, inclusive midiaticamente, que é a capacidade de criar e manter comunidades e agir coordenadamente, cuidando daqueles que, num dado momento, são mais necessitados (WAAL, 2010, p. 10). De forma complementar, o psiquiatra colombiano Luis Carlos Restrepo defende o direito à ternura. "Tanto o homem como a mulher, a criança ou o velho, todos são tentados por símbolos culturais inimigos do encontro terno que, ao regulamentar seus comportamentos, aspirações e convicções, os levam a aplicar na vida diária a lógica arrasadora da guerra" (RESTREPO, 1998: 13).

Contudo, a plena captação da importância destas vinculações parece demandar uma noção ampliada de tempo. A Nova História Francesa, surgida nos anos 1950, também conhecida como *Escola dos Annales* por estar ligada ao periódico acadêmico *Revue des Annales*, propõe a perspectiva dos tempos históricos escalonados. Um de seus expoentes mais conhecidos, o historiador francês Fernand Braudel (1902-1985), sugere que, como no mar, há três camadas históricas e não apenas uma. A superfície representaria os acontecimentos cotidianos, rápidos e buliçosos. Neste sentido estariam alocadas as percepções e os registros mais imediatos, como os relatados pela mídia. O leito do mar representaria as décadas, que mudam lentamente e, portanto, são mais fáceis de serem percebidas pelo sujeito histórico. Métodos como a história familiar estariam trabalhando nesta dimensão mais abrangente de tempo. Já as camadas marítimas de grande profundidade representariam as grandes transformações sociais, que levam séculos ou milênios para ocorrerem e serem notadas. Do ponto de vista das ciências sociais, esta camada é a de mais difícil compreensão, uma vez que demanda noções de outras áreas do conhecimento, como a geografia. Contudo, ela insere a questão dos vínculos e afetos em uma dimensão verdadeiramente grandiosa de tempo – os aions ou eras, como diriam os gregos. Esta proposta de decomposição da história em planos escalonados permite distinguir, portanto, a rede

relacional humana na perspectiva de um tempo geográfico, de um tempo social e de um tempo individual (BRAUDEL, 1992, p. 15). Nesta abordagem, nenhum dos escalonamentos é mais relevante do que o outro, uma vez que é a compreensão dentro da possibilidade de todos que levaria a um conjunto de possíveis tentativas de interpretação mais abrangentes do ser em suas dimensões individuais, sociais e históricas.

Captar e registrar midiaticamente a dinâmica estas relações, numa perspectiva mais profunda, envolve igualmente a questão da dialogia, como proposta pelo filósofo francês Edgar Morin e pela teórica luso-brasileira Cremilda Medina (MEDINA, 1990). Afinal, é por meio do diálogo que são construídas as relações e, por extensão, o conhecimento. Na contemporaneidade, a produção e o consumo das histórias de vida (MARTINEZ, 2014) sugerem evidências de que estejamos num momento de *turning point* – com todos os sintomas de apreensão, medo e agonia que normalmente precede um parto – de um sistema midiático ego-orientado para um eco-sistema.

De um sistema ego-orientado para um eco-sistema

Desta forma, chegamos ao século XXI como seres que consomem exageradamente, tentam, se esforçam muito, mas que, como poços sem fundo, não se satisfazem com nada. Por que, provavelmente, o vazio não é causado pela falta de produtos materiais, mas pela falta de vínculos e afetos aprofundados. Este vazio, mais do que refletido pelos meios de comunicação contemporâneos, é vivido por seus protagonistas. É como se o ser humano, que vive ou supõe viver em rede, estivesse momentaneamente esquecido que é apenas um nó desta teia da vida, a midiática inclusa.

Enredados nas coberturas fragmentadas do cotidiano, os *media* – mesmo nas versões impressas, seja nos diários, nas revistas semanais ou mensais – continuam colados de tal forma no fato que estão perdendo seu papel de protagonista na análise e reflexão à respeito do local e do global numa perspectiva mais ampla. Preocupados com o detalhe de cada pincelada do pintor, esquecem do distanciamento necessário para visualizar o quadro como um todo. Para o escritor Salman Rushdie, por exemplo, este espaço estaria sendo ocupado por escritores. "A literatura nos oferece a resposta sobre como seria viver em outro país. Como entender o que acontece na Coreia do Norte, por exemplo, só

pelo que lemos nos jornais?" (COLOMBO, 2014).

Paradoxalmente, também foi a ficção que sinalizou a escalada do individualismo que atravessaria o Renascimento e culminaria na contemporaneidade, por meio de obras como Parsifal, escrita no século XII pelo poeta alemão Wolfram von Eschenbach (1170-1120), que relata a jornada de desenvolvimento interno de um cavaleiro medieval no período arturiano (ESCHENBACH, 2006). Este fenômeno, portanto, é pré-midiático.

Se naquele momento se configurava a que viria ser a sociedade voltada para o ego, convém entender melhor o conceito. Para o neurologista austríaco Sigmund Freud (1856-1939), criador da psicanálise, do ponto de vista psicológico haveria três níveis de consciência que formariam a psique humana, sendo que o ego seria a estrutura que mediaría os desejos instintivos (id) e as exigências da sociedade (superego). Já na ótica do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961), o ego ou eu seria o ponto central da personalidade, a autoconsciência baseada num grupo de autorrepresentações. Contudo, seria apenas um dos muitos complexos que comporiam a psique. Como ele explica: "Entendo o 'eu' como um complexo de representações que constitui para mim o centro de meu campo de consciência e que parece ter grande continuidade e identidade consigo mesmo. Por isso, falo também de *complexo do eu*". (JUNG, 2012a, § 796). Seja na perspectiva freudiana ou junguiana, contudo, é esta autoconsciência que nos torna humanos. Contudo, a idealização do ego em vigor em nossa sociedade – ou a inflação do ego na terminologia junguiana – deixa em segundo plano o fato de que, ainda que importante, esta autoimagem é apenas uma parcela da psique humana em vigília, sendo, portanto, frágil e dinâmica *per se*, pois que em constante processo de mutação.

Se olharmos de uma forma mais ampla, e nos apoiarmos no conceito de aión ou era (JUNG, 2012), podemos conjecturar que a humanidade se encontra num momento de transição psicológica. Do ponto de vista midiático, ela se manifestaria, de forma concomitante e sincrônica, com o desenvolvimento e difusão dos aparatos eletrônicos e dos ambientes digitais – que estão permitindo a configuração de uma dimensão conectada, que interage velozmente. Assim, o ser humano está em processo de se familiarizar com os novos ambientes digitais, como outrora se familiarizou com outros avanços tecnológicos – ainda que de forma muito mais lenta. Se do surgimento do arco e flecha à escrita, a invenção das invenções, se passaram quase 30 mil anos (DE MASI, 2005), hoje as novidades digitais apresentam-se

num ritmo muito mais acelerado, o dos anos ou décadas, se contarmos a partir do final dos anos 1990. Este fenômeno evidentemente está acarretando transformações na atitude e no comportamento humanos, com repercussão, naturalmente, em suas mediações e representações simbólicas. Na questão da mediação, estaria envolvida a questão da alteridade, que leva à indagação: "a perda do olhar para o diverso teria nascido da incapacidade inerente à tecnologia de ela própria ter olhos para o outro?" (CONTRERA; BAITELLO Jr., 2010, p. 2108). E os símbolos, como sabemos, vivem mais do que os homens (BAITELLO Jr. et al, 2006).

Desta forma, se por um lado o eu do indivíduo é um recém-chegado à cena planetária, por outro sua atuação tem impacto considerável na mediação com o seu próprio reino, o animal, bem como com os demais reinos, como o vegetal e mineral. Agora que a falácia do progresso se exaure, uma vez que se sabe que o crescimento em ritmo chinês não é possível de ser mantido indefinidamente, seria o ser humano capaz de restabelecer o respeito e o diálogo não somente com si mesmo e com seus semelhantes, mas também com o meio que o cerca, o midiático e os ambientes digitais inclusos? Nesta hipótese em que estaria ocorrendo uma dissolução do ego humano, que estaria transitando de um sistema ego-orientado para um sistema eco-guiado – não por mérito próprio da espécie, mas pela própria saturação do sistema anterior –, há indícios de que a maturidade comunicacional precisaria de alguns elementos para que esta transição possa ser atingida. Em todas as suas dimensões, da interpessoal à midiática.

Nesta abordagem eco-sistêmica, um passo possível seria retomar os espaços reflexivos e de experiências. Sobre experiências, ninguém escreveu melhor que o ensaísta judeu alemão Walter Benjamin (1892 – 1940), quando diz que a faculdade de intercambiar experiências comunicáveis é a alma das narrativas. "A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores." (1994, p. 197). Associado com a Escola de Frankfurt e a Teoria Crítica, nunca é demais lembrar que Benjamin tinha uma visão pessimista sobre a possibilidade de retomar esta tradição – "É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção" – (1994, p. 196).

Sobre espaços reflexivos, esta maturidade comunicacional que se observa incipiente no século XXI demanda consciência e reflexão. Em alguma medida, há evidências de que esta maturidade esteja surgindo, agora que o *frisson* nos meios digitais está dando espaço à uma normatização e ponderação maiores sobre seus produtos e processos.

Num espaço democrático, é evidente que iniciativas como o Marco Civil da Internet no Brasil e as batalhas europeias contra o Google pelo direito ao silêncio (a retirada de *links* sobre fatos ocorridos com indivíduos no passado) geram discussão e não agradam a todos. Ainda que imperfeita e discutíveis, estas propostas sinalizam este novo cenário em questionamento.

Trata-se de uma reflexão que envolve, naturalmente, a questão do tempo. E provavelmente pede a volta de tempos mais lentos, como o da escrita, sugerido pelo teórico brasileiro Norval Baitello Jr. (BAITELLO, Jr., 2001). Este tempo lento também pede a reinserção do corpo nos processos comunicacionais, o que talvez se faça possível por meio de estudos na perspectiva da cultura do ouvir, onde "somos desafiados a potencializar a capacidade de vibração do corpo diante dos corpos dos outros, a ampliar o leque da sensorialidade para além da visão. Ir além da racionalidade, que tudo quer ver, para participar de ambientes nos quais os corpos possam ser tocados pelas ondas de outros corpos" (MENEZES, 2012, p. 33). Este tempo lento também pede a reintegração das narrativas como um gênero de excelência nos processos comunicacionais, o que talvez se faça possível por meio dos métodos e técnicas de captação e escrita da pedagogia dos afetos e das narrativas da contemporaneidade (MEDINA, 2006) e do Jornalismo Literário (LIMA, 2009; MARTINEZ, 2008). Este tempo lento também pede a reintegração da visão sistêmica nos processos comunicacionais, o que talvez se faça possível por meio da Ecologia da Comunicação (MENEZES, 2013), onde os protagonistas, os produtos e os processos comunicativos transitam pelos ambientes presenciais e pelos sistemas técnicos de comunicação de uma forma recursivamente relacionada, representando uma vivência articulada a outra e que a constitui. Talvez até estas próprias reflexões estejam tingidas pelos vínculos e afetos. O fato é que neste contexto de transição comunicacional não há respostas prontas, e provavelmente este momento se desdobrará a partir de cenários já observados e outros ainda por vir.

Qualquer que seja a análise do presente cenário em franca mutação, um elemento que certamente não pode faltar é o da ecoternura. Como diz Restrepo, ao "defender redes de dependência que não se oponham à emergência da singularidade, o chamado à ternura e à recuperação da sensibilidade adquire uma inegável atualidade ecológica (...)” (RESTREPO, 1998: 84). Neste cenário, havemos de ter ternura pelos outros e pelo planeta, mas também por nós mes-

mos, como pesquisadores da área de Comunicação Social, pois temos consciência de nossas limitações. Como dizia o pensador Bernardo de Chartres no século 12 (LOYN, 1997, p. 48), somos anões sobre ombros de gigantes. Deste modo, vemos melhor e mais longe que eles, não porque nossa vista seja mais aguda ou nossa estatura maior, mas porque eles nos erguem à sua gigantesca altura. Mas ainda assim somos anões. Por isso, tudo indica que nossa visão embaçada e nossa altura limitada não nos permitem ver com a clareza e a profundidade que gostaríamos no presente momento. Só mesmo, portanto, com autocompaixão para seguir em frente em nossa missão de compreender, na medida do possível, o vasto universo comunicacional em constante mutação. E com muito afeto.

Referências

BAITELLO, Norval Jr.; GUIMARÃES, Luciano; MENEZES, José Eugênio de Oliveira; PAIEIRO, Denise (Orgs.) Os Símbolos vivem mais que os homens: ensaios de comunicação, cultura e mídia. São Paulo: Annablume/Cisc, 2006.

_____. O tempo lento e o espaço nulo. Mídia primária, secundária e terciária. In: NETO, Antônio Fausto; HOHFELDT, Antônio; PRADO, José Luiz Aidar e PORTO, Sérgio Dayrell (Orgs.). Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade. Compós, v. 2. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.

BAUMAN, Zygmund. Vigilância líquida: diálogos com David Lyon. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BECKER, Howard S. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. 4ª. ed. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 101-116.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BERTAUX, Daniel; THOMPSON, Paul (Eds.). Between Generations: Family Models, Myths and Memories. 3rd edition. Oxford: Oxford University Press, 2009.

BRAUDEL, Fernand. Escritos sobre a história. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BROOKS, Arthur C. Gross National Happiness. New York, Basic Books, 2008.

BUBER, Martin. Eu e Tu. São Paulo: Centauro, 2001.

COLOMBO, Sylvia. Em SP, Rushdie critica imprensa internacional. Folha de S.Paulo, São Paulo, 16 mai 2014, Caderno Mundo, A20. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/05/1455231-em-sp-rushdie-critica-imprensa-internacional.shtml>>. Acesso em: 16 mai 2014.

CONTRERA, M. S. BAITELLO JUNIOR, Norval. A dissolução do outro na comunicação contemporânea. Matrizes (*Online*), v. 4, p. 3, 2010.

CYRULNIK, Boris. Falar de amor à beira do abismo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. Os alimentos afetivos. 2a. edição. São Paulo: WMF, 2007.

_____. O murmúrio dos fantasmas. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. Os patinhos feios. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

DE MASI, Domenico. Criatividade e grupos criativos. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

ESCHENBACH, Wolfram von. Parsifal. 3a. edição. São Paulo: Antroposófica, 2006.

FLUSSER, Vilém. O universo das imagens técnicas. Elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.

GHEMAWAT, Pankaj. Mundo 3.0: com alcançar a prosperidade global. Porto Alegre: Bookman, 2012.

GONZÁLEZ, Jorge Alejandro. Histórias de famílias entre o tempo histórico e o tempo biográfico: estratégias, objeto e método. Comunicação e Sociedade, São Bernardo do Campo, SP , n.27, p. 61-83, jan. 1997.

GRANGER, Kevin. Beneath Blossom Rain. Lincoln/London, University of Nebraska, 2011.

GROSSBERG, Laurence. Caught in the Crossfire: Kids, Politics and America's Future. Boulder: Paradigm, 2005.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

JUNG, Carl Gustav. Aion – estudo sobre o simbolismo do si-mesmo. 9a. edição. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. Tipos Psicológicos. 6 a. edição. Petrópolis: Vozes, 2012a.

LIMA, Edvaldo Pereira. História de Vida. In: Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do Jornalismo e da Literatura. Barueri/São Paulo: Manole, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. A cultura-mundo – resposta a uma sociedade desorientada. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LOYN, Henry R. (Org.). Dicionário da Idade Média. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

MARTINEZ, Monica. Jornada do Herói: estrutura narrativa mítica na contrução de histórias em jornalismo. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2008.

MARTINEZ, Monica. Heróis e Heroínas: a saga das narrativas em tempos digitais. In: PESSONI, Arquimedes; PERAZZO, Priscila Ferreira. (Org.). Neorreceptor: no fluxo da comunicação. 1ed. Porto Alegre. RS: EDIPUCRS, 2014, v. 1, p. 89-105.

MEDINA, Cremilda. Entrevista: o diálogo possível. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

_____. O Signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.

MENEZES, José Eugenio; CARDOSO, Marcelo (Orgs.). Comunicação e Cultura do Ouvir. São Paulo: Plêiade, 2012. Disponível em: <<https://blog.ufba.br/portaldoradio/bibliografia/livros-com-download-gratuito/>>. Acesso em: 7 mai 2014.

MENEZES, J. E. O. Cultura do ouvir: os vínculos sonoros na contemporaneidade. In: MENEZES, J. E. O.; CARDOSO, M.. (Org.). Comunicação e Cultura do Ouvir. 1ed. São Paulo: Plêiade, 2012, v. 1, p. 21-38.

_____. Cultura do Ouvir: os vínculos sonoros na contemporaneidade. Líbero. São Paulo, v. XI, p. 111-118, 2008.

_____. MENEZES, J.E.O. Ecologia da Comunicação: a cultura como um macrossistema comunicativo. In: MENEZES, J.E.O.; CAZELOTO, E.; CHIACHIRI F, R. (Orgs.). Tecnologia, cidadania e mercado. São Paulo: Plêiade, 2013.

MORIN, Edgar; LE MOIGNE, Jean-Louis. A Inteligência da complexidade. São Paulo: Peirópolis, 2000.

NERI, Marcelo. A Nova Classe Média -- o lado brilhante da base da pirâmide. São Paulo: Saraiva, 2011.

RESTREPO, Luiz Carlos. O direito à ternura. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

SCHUMACHER, E. F. O negócio é ser pequeno. 4a. edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

WAAL, Franz de. A era da empatia: lições da natureza para uma sociedade mais gentil. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

URA, Dasho Karma. Felicidade Interna Bruta. Disponível em: <<http://www.visaofuturo.org.br/pdfs2/Felicidade%20Interna%20Bruta%20-%20Dasho%20Karma%20Ura.pdf>>. Acesso em: 7 mai 2014.

Recebido em 02.04.2014. Aceito em 18.06.2014.

